

VÁRIA

Schulten e Portugal

O ilustre iberólogo de Erlangen, Prof. Adolf Schulten, do qual já demos à estampa, em versão portuguesa da nossa autoria, o notável estudo sobre Viriato ⁽¹⁾, e que, em vários dos seus trabalhos, se tem ocupado de antiguidades portuguesas, visitou de novo o nosso país em 1930, como foi oportunamente registado nesta revista. Ora nos fascículos 3-4 do «Archäologischer Anzeiger», de 1933, o erudito professor faz, em extracto do «Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Instituts», um relato não só daquela sua jornada como das suas investigações em Espanha de 1928 a 1933, intitulado êsse artigo *Forschungen in Spanien*, epígrafe que um português não pode deixar sem reparo, se bem que as investigações em Espanha tivessem sido mais amplas, numerosas e detidas do que as realizadas em Portugal.

Achamos de interesse oferecer aos leitores a tradução portuguesa da parte do artigo que diz respeito ao nosso país. Acompanham êsse trecho uma fotografia do Cabo de S. Vicente, o esquema duma hipotética localização de Moron e uma planta da Cava de Viriato. Segue a tradução:

«De Huelva fui para o Algarve, a costa sul de Portugal. Partindo de Faro visitei a vizinha Ossonoba, com seus restos romanos. Ossonoba não está propriamente junto do mar, mas à beira duma lagôa que hoje se encontra açoreada.

Num pequeno museu de Faro estão várias inscrições. De Faro fui para Portimão que tem uma baía nitidamente recortada, provavelmente o antigo *Portus Hannibalis*, nome que não provém de célebre Hannibal mas sim de um outro e recorda o comércio cartaginês que se fazia ao longo da costa ocidental, por causa do estanho do Norte.

(1) *Viriato* — Ed. da «Renascença Portuguesa», Pôrto, 1927.

Há nesta região muitos dolmens que foram descritos em tempo por Estácio da Veiga, nas *Antigüidades Monumentais do Algarve* (1886-1891). Hoje estão quasi inteiramente destruídos,

De Portimão fui para Lagos, em cuja vizinhança, a 1,5 km. de distância, no outeiro chamado monte de Figuerola, esteve a velha Lacobriga de que ainda existem bastantes restos. O nome celta mostra que os celtas penetraram até aqui. A menção da cidade aparece durante a guerra de Sertório (1). Do monte de Figuerola a cidade espraiou-se para Lagos e um aqueduto romano conduz para Lagos e não para Lacobriga. De Lagos fui visitar o cabo de Sagres, o *Sagrado*, o *promunturium Saturni* de Avieno, nome que lembra o primitivo culto com sacrificios humanos (2), como de resto persistiam antigos cultos nos cabos mais salientes desta costa. Assim acontecia também no cabo de S. Vicente que igualmente visitei. É o célebre *prom. sacrum*, cujo culto nocturno Artemíodoro descreve (em Estrabão p. 138).

De Lisboa fui visitar *Moron*, a base de operações de Bruto Callaico na sua guerra contra os lusitanos no ano 138 a. C. Segundo Estrabão (p. 152), Moron estava a cerca de 500 estádios (92 km.) do mar, junto a uma pequena ilha do Tejo que tinha 30 estádios (5,5 km.) de comprimento e era quasi da mesma largura. De facto encontra-se a cerca de 90 km. do mar a pequena ilha de Almourol que corresponde evidentemente à velha Moron (com o artigo árabe), e defronte, no monte Chã Marcos, na margem Sul, está um lugar apropriado para a cidade de Moron. Mas a ilha (sobre a qual está um castelo dos templários) tem hoje só 250 m. de comprimento por 80 de largo e não pode ter sido mais ampla, visto que o Tejo aqui só tem 250 m. de largo, de modo que os números de Estrabão devem estar errados. Obliquamente, em frente à ilha, desagua o rio Zézere que vem da Serra da Estrêla. O Zézere era bem a via de entrada através destas montanhas, que foram um retiro dos Lusitanos e são ainda mencionadas neste sentido pelo continuador de César (3). A posição de Moron defronte da foz do Zézere lembra muito a de *Castra vetera* defronte da estrada de Lippe, a de *Metelinum* no Anas defronte da estrada para *Castra Caecilia* e *Vicus Caecilius*, a estrada das *étapes* de Metellus no ano 79 a. C.

De Coimbra cujo nome deriva da antiga Conim-briga situada

(1) Cf. meu livro *Sertorius*, 71.

(2) Cf. meu estudo sobre Avieno, *Ora mar.* 86.

(3) *Bell. Alex.* 48, 4.

na vizinhança, visitei esta cidade (hoje Condeixa-a-Velha) que presentemente está sendo escavada. Conim-briga, que é assim designada do nome dos Cónios (os Kynetes de Heródoto e *Cynetes* de Avieno), está situada, com muita segurança, entre profundas escarpas, de maneira que só é praticável o lado oriental. Já se desenterrou a porta oriental que é ladeada por 2 tórres. O muro da cidade está ainda bem conservado e tem a largura de 2-3 m. Visto que as moedas terminam em 400 anos a. C., foi Conim-briga destruída pelos germanos.

De Coimbra levou-me Mendes Corrêa, professor de Antropologia do Pôrto e um dos melhores pre-historiadores de Portugal, em automóvel para Vizeu no sopé da Serra da Estrêla, porque junto de Vizeu está o acampamento octogonal chamado *cava de Viriato*, que provém igualmente da guerra de Bruto, não de César que operou no ano 60 a. C. contra o *mons Herminius*, Serra da Estrêla, mas que pouco tempo aí se demorou, enquanto que o acampamento é um acampamento de duração. Vizeu e o acampamento estão num vale alto, grande e oval, que é rodeado mais ou menos, por todos os lados, de altas montanhas: no Sul pela Serra da Estrêla, no ocidente pelo Caramulo, no Norte pela Gra-lheira e Montemuro, no oriente pela Serra da Lapa. O acampamento tem portanto uma posição estratégica importante. É sufficientemente afastado das montanhas, para estar protegido contra assaltos, forma uma excelente base para a penetração nas montanhas circundantes. Correspondem a esta posição central as estradas irradiantes, para todos os lados de Vizeu, das quais algumas são romanas. O acampamento é formado por um muro de terra que com a largura superior de 6,8 m. e a altura exterior de 10 m., interior 5 m., lembra vivamente os muros de Soest e Göttingen e, como estes, serve hoje de passeio. Muro frontal parece não ter tido o reduto. A este corresponde e corresponde ainda hoje nos lados 1 e 2 um fôssco de 10 m. de largura em baixo, que outrora foi cheio com pequenas correntes de água, principalmente com o Pavia que vem do oriente. Do octógono conservam-se apenas ainda hoje completamente 4 lados e o lado 1 na maior parte; o resto foi infelizmente destruído. O comprimento dos lados conservados é: 1:240, 2:270, 4:250 e 5:240, de modo que se pode supôr como comprimento intencional 800 pés romanos (236m,5). O diâmetro é de cerca de 680 m. o que corresponde a 2300 pés, medida que reaparece noutros acampamentos, por exemplo no acampamento de Metellus em Cáceres cujo comprimento é o mesmo. Estas medidas confirmam a origem romana do octógono, a qual de resto também vem à mente. Pois na idade média ninguém cons-

trua nesta região uma obra tão gigantesca (1). Exteriormente este reduto de 8 m. de largura é o mais semelhante ao muro da cidade de Lugo de 6 m., dos séculos III e IV d. C., enquanto que os redutos dos acampamentos romanos não ultrapassam 3 e 4 metros de largura. Das portas só se encontra hoje apenas uma no lado 4; devem ter sido quatro, como é de esperar em acampamentos romanos: duas no N. e duas no S. A contra-porta teria estado no lado 8. Como o lado 2 deve conservar sinais duma porta, as outras duas portas deviam estar em 2 e 6, assim as ruas de ligação destas portas se cortariam em ângulo recto como tinha que ser. O interior do acampamento é ajardinado, portanto pelo menos foi destruída a camada superior, mas talvez valesse a pena escavar mais profundamente, apesar de me terem assegurado que já isso se tinha feito sem se haverem achado restos antigos. Visto que este acampamento tão bem fortificado era um acampamento de duração, deviam-se admitir ali construções de pedra, que em acampamentos de verão faltam. A superfície do acampamento é de cerca de 28,5 ha. O que se aproxima do tamanho dos acampamentos da legião do tempo do Império, que têm cerca de 25 ha. Mas a mesma área de acampamento pode ser coberta, segundo as circunstâncias, de maneira muito diferente como, por exemplo, os acampamentos da coorte em Masada que não têm 2 mas apenas 0,2 ha. de modo que a Cava de Viriato pode também ter abrangido duas legiões. Bruto Calaico tinha um exército consular de duas legiões. A posição da Cava de Viriato adapta-se à sua primeira expedição em 138 a. C. pois da sua base de Moron conduz o vale do Zézere ao sopé da Serra da Estrêla, em cujo lado N. está a Cava. No ano 137 marchou Bruto Calaico sobre o Douro e Minho (2).

A Cava de Viriato é conhecida em Portugal desde antigos tempos e sempre foi tida por um acampamento romano. Parece tê-la estudado em primeiro lugar mais exactamente W. Gurlitt, que dá disso notícia em Hübner (3). No ano de 1904 descreveu Leite de Vasconcelos, o veterano dos arqueólogos portugueses, o estado de então (4).

Inesquecível é para mim uma excursão que fiz à Serra da Estrêla, a qual passa com razão por ser a pátria de Viriato: selvagem montanha de granito, com escarpas profundas, muita

(1) Cf. Girão — *Vizeu*, 1923.

(2) RE. X 1021.

(3) AZ. 26, 1868, 14-15.

(4) Arqueólogo português, 1904, 13, com plano a l. 5000.

água e floresta, na qual moram ainda hoje pastores em lucta com o vento, o tempo e os lobos, dos quais descendia Viriato. Vêem-se na Serra vários castros. Seja ainda mencionado que o nome antigo da montanha, *mons Herminius*, segundo Wilh. Schülze, deriva do etrusco *hermenas*. Expliquei isto pelas migrações dos etruscos nesta região rica em ouro (1).

Termina nesta altura a parte do artigo alusiva a Portugal. Schulten dirige-se à Galiza, visitando La Guardia e o seu Museu, o castro de Santa Tecla, etc., e dando fotografias, a planta duma « casa céltica », a planta da região de La Guardia, etc. Falando da sua estada em Santiago de Compostela, refere-se aos trabalhos arqueológicos do Seminário de Estudos Galegos, especialmente aos de Florentino Cuevillas e ao estudo de Mário Cardoso sobre as joias arcaicas encontradas em Portugal. A-propósito da Corunha, ocupa-se da Têre de Hércules, das gravuras rupestres da vizinhança e da inscrição de ali que interessa especialmente os portugueses: *Martii Aug. sacr. C. Sevius Lupus architectus Aemi-niensis Lusitanus exvoto*.

O trecho relativo a Portugal suscita naturalmente numerosos comentários. Os leitores desta revista que tomaram conhecimento do artigo *Moron* inserto pelo Prof. Mendes Corrêa no fasc. III do vol. VI, facilmente encontrarão ali argumentos para contrariar a localização proposta pelo Prof. Schulten e preferir a hipótese emitida nesse artigo, que localiza Moron em Santarém, ou junto de Santarém.

Por informação do sr. dr. Magalhães Basto, sabemos que um manuscrito quinhentista da Biblioteca Municipal do Porto contém uma saudação, dirigida em Santarém a D. João III e sua consorte, em que já se diz ter tido Santarém o nome antiquíssimo de Moron. Esse discurso foi, segundo o mesmo amável informador, reproduzido por António Caetano de Sousa, nas *Provas genealogicas*, mas o nome Moron aparece estropiado nesta transcrição.

Não se dizem no discurso quinhentista quais as razões da identificação de Moron com Santarém, mas elas surgem desenvolvida e claramente no artigo citado *Moron*.

Quanto ao vale de Zézere como via de penetração, não nos parece também hipótese muito defensável.

Sobre o resultado negativo de escavações na Cava de Viriato vd. Mendes Corrêa — *A Lusitania pre-romana*, na « História de Portugal », de Barcelos, 1, 1928, pág. 212.

(1) Cf. meu estudo *Die Etrusker in Spanien*, in Klio 23, 1930, 403.

O Prof. Schulten, nos n.ºs 41 e 42 do *Philologische Wochenschrift*, de 20 de Outubro de 1924 (p. 1.159), dedica uma larga análise bibliográfica aos *Dispersos* de Martins Sarmiento e à *Miscelânea* de homenagem ao arqueólogo vimaranense, publicados por ocasião do centenário respectivo.

A. ATHAYDE.

A Teologia e a origem do homem

A oração de sapiência proferida na sessão solene de abertura das aulas do Seminário do Pôrto em Outubro de 1934, pelo rev. dr. Joaquim Manuel Valente (*A origem do homem, perante o Transformismo, a Filosofia e a Teologia* — Sep. do «Boletim da Diocese», Pôrto, 1934) não se propõe ser apenas uma explanação extra-científica de pura apologética, mas uma crítica sumária das doutrinas transformistas sobre a origem do homem, crítica feita não só em face do texto bíblico, mas também com base em depoimentos de cientistas. Este último facto bastaria para indicar que do trabalho nos ocupássemos nesta revista de carácter estritamente científico e aconfessional. Mas parece-nos que a Ciência, entendida no seu sentido corrente, nada tem a lucrar com uma tal indiferença perante o juízo que algumas das suas hipóteses suscitem em qualquer campo do pensamento. Acresce, neste caso, que o autor é um sacerdote culto e inteligente, e, até pelo que pessoalmente diz respeito a quem escreve estas linhas — citado nalgumas passagens — impõe-se o dever de não deixar sem reparo certas afirmações enunciadas no trabalho em questão.

O sr. P.º Valente, citando C. Bayer, proclama «herético» o dizer-se que «o homem, na sua dualidade de elementos que constituem corpo e alma, procede da evolução animal» e declara «errar filosófica e teològicamente quem nega ao corpo do animal qualquer transformação ao receber a alma racional». Um transformismo moderado que atribue apenas à intervenção divina a última disposição corporal e a criação da alma, é *sem dúvida* (afirma) também temerário, perante os dados da revelação.

Ora, o próprio A. reconhece que «a Igreja nunca se pronunciou sobre o estado da matéria de que foi constituído o corpo humano» e, citando Sinéty, diz que o Génesis *parece* (o sublinhado é nosso) claro nêsse ponto. Este «parece» não se coaduna com o «sem dúvida» que acima sublinhamos também...

No que não temos dúvida nenhuma é em divergir do autor,

quando êle afirma, por exemplo, que as tentativas de interpretação do Génesis, que negam a êste o sentido literal histórico, não assentam em nenhum fundamento sólido, ou ainda que o transformismo moderado não tem a seu favor um argumento sério.

O Génesis é cientificamente inverosímil se fôr entendido à letra. A sistemática biológica ou a cronologia geológica ali adoptadas não coincidem de modo algum com as estabelecidas pela Ciência do nosso tempo, se se atribuir àquele texto uma significação literal, e não se reconhecer o seu carácter em grande parte alegórico. Só dêste modo é possível conciliá-lo com a Ciência, conciliação que o sr. P.º Valente diz existir, o que não conseguiria aliás provar versículo por versículo, sem substituir ao sentido literal um sistema exegético que combate. A Comissão Pontifícia de Estudos Bíblicos negou mesmo um sentido literal histórico à ordem e a certas passagens do Génesis que considera «uma história popular».

Bem sabemos que entre as passagens entendidas com o seu valor literal pela Comissão estão as que se referem à criação do homem, mas os limites a adoptar na exegese do Génesis são bastante incertos, e devemos atender à importância que católicos indiscutíveis ligam aos achados da prè-história.

Declarando «misterioso» o mecanismo da geração carnal do homem e da criação da alma, o sr. dr. Valente, ao passo que contesta sobre a letra da Bíblia que a primeira se possa ter operado a partir da matéria organizada, afirma que o corpo foi criado directamente do «limo da terra». Sergi, cujo testemunho científico invoca, diz que os grandes tipos biológicos fundamentais não são transformáveis uns nos outros, mas admite que todos vieram separada e directamente duma mesma matéria prima, uma vaga e desconhecida substância coloidal, amorfa, existente no fundo dos Oceanos. Que é mais verosímil? As relações genealógicas entre formas morfològicamente vizinhas (salvo nos casos de convergência) ou antes um salto colossal do limo referido ou da ignorada matéria primordial de Sergi para a estrutura complexa do homem?

O transformismo moderado — o transformismo de Le Roy, do P.º Teilhard de Chardin, de Bergson, do P.º Monchanin — não tem, segundo o Autor, um só argumento sério. O transformismo moderado funda-se — dizemos nós — no reconhecimento simultâneo: 1.º de uma multidão de factos cientificamente averiguados, que parecem mais explicáveis por evolução, por parentescos, do que por uma criação de que não há na ciência também qualquer prova (porque a revelação só se impõe sem demonstração à fé e não é invocada na pura pesquisa científica); 2.º de uma mul-

tidão de factos cientificamente averiguados, que, pela sua aparição brusca em extremo grau de complexidade, sem precedentes admissíveis, tornam mais aceitável o criacionismo; 3.º da necessidade de outorgar à mentalidade humana e às forças espirituais um papel e uma categoria que o materialismo e o mecanicismo inteiramente lhes contestam.

Suponho que, em mais dum lugar, o sr. dr. Valente considera o transformismo como materialista e mecanicista. Na verdade há, porém, entre os transformistas moderados, muitos vitalistas e espiritualistas. Bem o sabe o A. que, aliás, contesta encontrar-se o transformismo já esboçado em palavras de Padres da Igreja. Ora, ocorre-nos que, relativamente a Santo Agostinho, aludimos em 1926, na 2.ª edição do nosso livro *Homo*, à tese contestada, baseando-nos na leitura de Zahm, insuspeito de-certo a um teólogo intransigente na defesa da veracidade do texto mosaico. E, na «Exposição do dogma católico» que fez na enciclopédia religiosa *Ecclesia*, o director do Seminário de S. Sulpício, de Paris, Paul Pigué, escreveu: «Criação não exclue necessariamente qualquer evolução. O dogma da criação instrue-nos sobre a origem primeira das coisas. Mas é bem evidente que Deus nelas pôs potencialidades de futuro (as razões seminais de Santo Agostinho), e que estas potencialidades devem surgir cada vez mais amplas e cada vez mais complexas à medida que o homem toma conhecimento do mundo. Aos cientistas pertence a discussão, contanto que não esqueçam o que é o homem segundo a razão e segundo a fé».

O nosso livro *Homo* conduziu o sr. dr. Valente a incluir-nos na corrente dos transformistas sem restrições, embora tivesse conhecimento do capítulo *A controvérsia transformista* do nosso livro recente *Da Biologia à História* que também cita. E, no entanto, neste último marcamos uma posição nitidamente moderada, sem exclusão de factos de criação, e num e noutro escritos não defendemos nenhum esquema filogenético, e não ocultamos as lacunas dos conhecimentos actuais a tal respeito.

*

É curioso que o sr. dr. Valente recusa globalmente o valor de «argumentos sérios» a tudo o que, da anatomia comparada, da paleontologia, da embriologia, etc., se tem invocado como favorável à doutrina da existência de transformações, e baseia-se, pelo contrário, em tôdas as dúvidas e hesitações honestamente expostas por transformistas e em tôdas as asserções, mesmo as mais vagas ou dogmáticas, que contra o transformismo tem sido

apresentadas por alguns cientistas. Se não estivéssemos convencidos da boa fé do Autor, não pouparíamos a severos comentários o seu método de discussão e passagens do seu trabalho, como aquela em que diz que a Biologia declarou guerra à Criação, ou a que diz fora do método científico a nossa frase de que «a filiação do homem em formas animais anteriores, surge actualmente à maioria ou generalidade dos naturalistas que se ocupam do assunto, não apenas como uma hipótese admissível, mas como doutrina verosímil e mais até demonstrada». Organize-se uma estatística de antropólogos como tais considerados nos meios científicos e verifique-se quantos são os que não aceitam o transformismo na origem humana. Há muitos naturalistas que contrariam o transformismo — particularmente no que respeita ao homem — mas na sua grande maioria, não são «os que se ocupam especialmente do assunto», não são antropólogos bem ao facto da anatomia comparada, da paleontologia do homem e dos primatas, etc. Talvez o número dos anti-transformistas vá aumentando. Presumo até que assim será, porque após ter sido moda ser-se transformista, está visivelmente surgindo a moda oposta. Os cientistas são homens, e como tais influenciados pelas modas.

Por enquanto, porém, a grande maioria ou a quasi totalidade dos antropologistas é ainda transformista. No último Congresso Internacional de Antropologia em Londres nem um só dos 1200 congressistas ergueu a sua voz a contestar a asserção dum deles de que todos os biologists consideram o homem descendente de formas animais anteriores, e os debates sobre a origem humana traduziram, de facto, esta orientação naquela assembleia científica internacional em que se encontravam muitos dos mais categorizados antropólogos do mundo.

Tôdas as aproximações que a anatomia comparada sugeriu entre espécies diferentes, são, entretanto, gratuitamente declaradas pelo sr. P.º Valente como provas do plano seguido na Criação e não como provas de relações genealógicas entre as espécies. Pois estas relações são admissíveis, sem excluir os factos de criação na origem da vida ou de certas estruturas complexas. Quando a verificação da semelhança entre dois indivíduos nos conduz a presumir o seu parentesco, pode dizer-se que esta *presunção* se não funda num argumento sério, mormente sendo a verificação feita por técnicos? Ficam sempre em suspenso, no estudo científico dos mecanismos da vida, muitos mistérios, muitas maravilhas. Deve porisso a Ciência ser forçada a cruzar os braços, dando como vão todos os seus esforços para reduzir à condição de processos considerados naturais, os fenómenos da Biologia?

As incertezas que a Ciência honestamente «confessa» ao tentar o traçado de esquemas genealógicos das formas vivas, não autorizam a concluir, como o sr. P.^o Valente, que as relações de parentesco entre espécies não existem. Por não se haver chegado à determinação segura do «missing-link», por não se verificar uniformidade ou paralelismo de direcção ao procurar dispor, para as mesmas formas, todos os caracteres numa escala evolutiva, por não se conhecerem muitos intermediários e por estes faltarem mesmo naturalmente nos saltos bruscos que são as mutações, deve concluir-se que o transformismo não tem base científica?

O *Pithecanthropus*, diz o autor, é rejeitado pelos melhores paleontólogos modernos. Perdão. Pode rejeitar-se a entidade taxonómica *Pithecanthropus erectus* e mais ainda, como nós próprios pensamos, a atribuição de todos os restos assim designados, a um só indivíduo e a uma só espécie. Mas não existe nos restos considerados daquele primata fóssil uma caracterização completamente igual à dum homem moderno ou à de qualquer espécie conhecida de antropóide. Porque oculta o sr. dr. Valente que na calote craniana do chamado *Pithecanthropus*, como no homem de Neanderthal, como no *Sinanthropus*, como no *Sivapithecus*, há alguns caracteres intermediários morfológicamente entre o Homem actual e os Antropóides existentes? O Neanderthal constitui, segundo Boule, citado com justa consideração pelo autor, uma espécie distinta do *Homo sapiens* moderno. Para asseverar que «não há nele nenhuma diferença essencial em relação ao homem moderno», o sr. P.^o Valente invoca os testemunhos de Sergi e Vialleton. Ora Sergi dá ao homem de Neanderthal não apenas o valor duma espécie, mas até dum género, distinto das formas humanas actuais ou em correspondência, ainda mal estabelecida, apenas com uma ou duas destas. E, quanto a Vialleton, sendo um grande sábio, não tinha no assunto maior autoridade do que o grande paleontologista Boule.

Vialleton, o autor da *Ilusão transformista*, invocado jubilosamente pelo teólogo portuense, ainda é, num recentíssimo livro, *Quid de l'homme?* de Ernest Lenoir, objecto duma crítica em que são postas em relêvo as suas «razões especiosas», a sua mudez em muitos pontos interessantes, a sua tendência a utilizar apenas os factos que parecem servir as suas teorias. Ninguém tem hoje o direito de negar as chamadas «formas sintéticas» da Paleontologia, a existência de alguns «intermediários morfológicos». Se aquelas e estes não são forçosamente sempre «intermediários genealógicos», é bem verosímil que muitas vezes os tenham sido. Com razão Lenoir mostra que Vialleton começou por definir inexactamente o transformismo, dando-o como «a doutrina meca-

nista que explica a formação dos seres vivos pela acção pura e simples das causas naturais». Mas o transformismo não é isso. Dum êrro inicial, Vialleton foi levado à condenação dum inocente.

Em belas páginas de filosofia biológica, Cuénot escreveu, como o católico geólogo Termier escrevia sôbre o transformismo, que o ser-se mecanicista ou o ser-se vitalista era uma questão de temperamento ou de fé. O mecanicista, perante a vida, contenta-se em saber como os factos se passam sem se preocupar com o que está para além dêles. O vitalista quer saber o porquê das coisas, convencido de que a realidade tangível não constitue todo o real. Mas o naturalista mais materialista e o naturalista mais vitalista examinam da mesma maneira os factos, simplesmente como naturalistas, porque a ciência não entra em conta com as causas metafísicas.

Já Abel Rey dizia que se não distingue em nada um compêndio de fisiologia dum mecanista do de um espiritualista, na descrição dum fenómeno fisiológico ou duma função orgânica.

*

Ora o transformismo moderado que perfilhamos, apoia-se sôbre numerosas probabilidades e (o que o rev. dr. Valente não menciona) sôbre a verificação experimental de mutações. É cientificamente verosímil. Diz o sr. padre Valente que é contrariado pela revelação. Embora esta não constitua um método científico, lamentaria que aquele sacerdote tivesse razão. Por dois motivos: primeiro, porque «o limo da terra» appareceria não como uma simples imagem simbólica da base material ou natural da existência humana, mas como a expressão real dessa base, rebaixando a directa ascendência humana ao nível da dos seres inferiores; segundo, porque desapareceria a possibilidade duma plataforma entre a Ciência e a Religião cristã, visto que se atribuía ao texto bíblico um sentido literal que nem sempre se coaduna com as aquisições científicas. Reconhecendo à Religião um imprescindível papel moral, entendendo que só ela pode fornecer à humanidade o tonus de que esta necessita perante o angustiado pessimismo que decorre das limitações da visão científica e da desorientação e perversão das ideas e dos sentimentos—penaliza-nos que alguns seus ministros, em vez de procurarem auxiliar a concórdia entre ela e a Ciência, dificultem tal concórdia sem vantagem para ninguém, senão talvez para os adversários da Religião.

«O cristão prefere às hipóteses aventureiras, às induções ousadas duma experiência inadequada, os dados certos da reve-

lação»: eis a posição definida pelo autor. A ciência considera mais aventuroso e ousado o que se não baseia na observação rigorosa e objectiva. Cientificamente, o transformismo é admissível e fortemente verosímil. Dos transformistas há uns que são mecanicistas e outros que são vitalistas, como os há materialistas e espiritualistas.

De-certo não nos compete, a nós cientistas, resolver se perante a teologia, os transformistas podem também ser ortodoxos. O sr. padre Valente diz que não. Julgamos, porém, que o não demonstrou, e a opinião de Paul Pigué na *Ecclesia* radica a nossa crença, como a radica o parecer do P.^o Teilhard e outros altos espíritos, a um tempo religiosos e de reconhecido mérito científico.

O discurso suscitaria ainda outras críticas. A distinção nele feita entre vegetais e animais não se funda nos caracteres invocados correntemente pelos biólogos. A motricidade dos animais? A imobilidade dos vegetais? Mas há animais fixos, e vegetais móveis. Quanto à sensibilidade, na acepção científica do termo, verifica-se também em vegetais.

A asserção de que o homem é superior aos outros seres vivos nos seus caracteres físicos, exigiria uma definição preliminar do que se entende por essa «superioridade». Alguns caracteres humanos só poderão ser apontados como superiores por aparecerem no homem: se os há que sugeriram até a doutrina de Bolk, do retardamento fetal na antropogénese! Segundo esta doutrina, o desenvolvimento considerável do cérebro no homem teria como compensação a sobrevivência, no homem adulto, de caracteres que são fetais nos Antropoides. Só indirectamente pode, pois, atribuir-se qualquer superioridade a tais caracteres.

Emfim, mais haveria a dizer, mas não nos propomos demover o sr. padre Valente da sua irreductibilidade, visto que o ilustrado sacerdote prefere basear-se *literalmente* na revelação a procurar uma plataforma entre a letra desta e as induções legítimas de factos averiguados pelos métodos científicos. Entendemos, porém, que não devíamos deixar passar sem reparos algumas asserções suas sobre pretensas ou reais aquisições da ciência, como achamos interessante dar a conhecer aos leitores desta revista o que um professor de teologia e história dogmática pensa da doutrina da origem do homem.

Quando nos lembramos dos progressos que a orientação transformista imprimiu a certos capítulos da Biologia, sentimos desejos de perguntar se o triunfo — possível, mas decerto transitório — da orientação oposta se traduzirá por análogos progres-

soes científicos. Duvidamos que assim seja. Mas a história do pensamento e da civilização é feita de avanços e de recuos. Como o pêndulo, o movimento das ideias oscila periodicamente entre posições extremas. E, assim como o pêndulo não se fixa, em equilíbrio, nestas posições, a verdade reside também, em geral, entre esses limites.

O meio termo não é, contra o que alguns espíritos apaixonados supõem, uma fórmula pusilânime e acomodatória: é antes, as mais das vezes — a verdade. Tanto quanto é possível ao homem atingi-la.

MENDES CORRÊA.

A Antropologia na Exposição Colonial Portuguesa

Encerrou-se em 30 de Setembro de 1934 a Exposição Colonial Portuguesa que se inaugurara em 15 de Junho anterior no Palácio de Cristal, do Pôrto. O êxito desta iniciativa portuense foi notável. No domínio da Antropologia e Etnologia, a Exposição teve um interesse muito especial, não só pelos numerosos materiais expostos como pela oportunidade que proporcionou ao estudo antropológico de mais de 300 indígenas das várias colónias ali reunidos e à realização do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, cuja notícia damos noutra lugar.

Os Institutos de Anatomia e de Antropologia da Universidade do Pôrto obtiveram «grandes prémios» pela sua participação, com *stands* especiais, no importante certamen. Os dois *stands* suscitaram vivo interesse entre os visitantes da Exposição. Esta publicou, entre as suas edições, uma brochura intitulada «O Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto e a investigação científica colonial».

Lutuosa

Duas perdas consideráveis teve em 1934 a ciência brasileira, que o foram, ao mesmo tempo, para as ciências antropológicas: a morte dos venerandos professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Miguel Couto e Benjamim Baptista.

O primeiro, catedrático de Clínica Médica, apóstolo da educação popular, clínico da mais alta reputação moral e científica, interessava-se dedicadamente pelos problemas da Eugenia, tendo sido presidente do 1.º Congresso Brasileiro de Eugenia.

O Prof. Benjamim Baptista, catedrático de Anatomia, era também uma individualidade de grande prestígio e da maior distinção pessoal. Como anatómico, obteve merecidas consagrações, tendo, por exemplo, sido dado o seu nome ao Instituto de Anatomia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Colaborou com Roquette Pinto na antropologia anatómica dos Índios do Brasil. A nossa Sociedade, por proposta do Prof. J. Pires de Lima, associou-se ao luto da nação irmã por tão dolorosa perda.

M. C.

